

EDUCAÇÃO

V.12 • N.1 • Publicação Contínua - 2023

ISSN Digital: 2316-3828

ISSN Impresso: 2316-333X

DOI: 10.17564/2316-3828.2023v12n1p463-483



## HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA E OS CATECISMOS PROTESTANTES NACIONAIS E ESTRANGEIROS: ANÁLISE DE IMPRESSOS, TIPOGRAFIAS E EDITORAS

HISTORY OF BRAZILIAN EDUCATION AND NATIONAL AND  
FOREIGN PROTESTANT CATECHISMS: ANALYSIS OF PRINTED,  
TYPOGRAPHIES AND PUBLISHERS

HISTORIA DE LA EDUCACIÓN BRASILEÑA Y DE LOS  
CATEQUISMOS PROTESTANTES NACIONALES Y EXTRANJEROS:  
ANÁLISIS DE LOS IMPRESOS, TIPOGRAFÍAS Y EDITORES

Josué dos Santos Alves<sup>1</sup>

Mirelli Macêdo de Andrade<sup>2</sup>

Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente texto tem como objeto de investigação sete catecismos protestantes que integram o Arquivo Histórico Presbiteriano. Nesse sentido, esse trabalho objetivou evidenciar as tipografias responsáveis pela produção e edição dos sete catecismos protestantes aqui analisados. Para tanto, esse trabalho está inserido no campo da História Cultural, da História da Educação e da História do Livro. Amparado sob os pressupostos teóricos-metodológicos de Carlo Ginzburg (2007) no que concerne ao método indiciário, no conceito de cultura de Norbert Elias (1994), e na compreensão da História do Livro de Roger Chartier (1998). Portanto, é possível concluir que a disseminação de obras e a criação de tipografias pelos missionários norte-americanos contribuíram de maneira significativa para o desenvolvimento da imprensa protestante e, consequentemente, brasileira.

### PALAVRAS-CHAVE

Catecismos Protestantes. História da Educação. Práticas Educacionais. Tipografias.

## ABSTRACT

The present text has as object of investigation seven protestant catechisms that integrate the Presbyterian Historical Archives. In this sense, this work aimed to highlight the typographies responsible for the production and edition of the seven protestant catechisms analyzed here. Therefore, this work is inserted in the field of Cultural History, History of Education and History of Book. Supported by the theoretical-methodological assumptions of Carlo Ginzburg (2007) regarding the evidential method, the concept of culture by Norbert Elias (1994), and the understanding of the History of Book by Roger Chartier (1998). Therefore, it is possible to conclude that the dissemination of works and the creation of typographies by the North American missionaries contributed significantly to the development of the protestant and, consequently, Brazilian press.

## KEYWORDS

Protestant Catechisms; History of Education; Educational Practices. Typographies.

## RESUMEN

Este texto tiene como objeto de investigación siete catecismos protestantes que forman parte del Archivo Histórico Presbiteriano. En este sentido, este trabajo tuvo como objetivo destacar las tipografías responsables de la producción y edición de los siete catecismos protestantes aquí analizados. Por tanto, este trabajo se inserta en el campo de la Historia Cultural, la Historia de la Educación y la Historia del Libro. Apoyado en los supuestos teórico-metodológicos de Carlo Ginzburg (2007) sobre el método probatorio, el concepto de cultura de Norbert Elias (1994) y la comprensión de la Historia del Libro de Roger Chartier (1998). Por tanto, es posible concluir que la difusión de obras y la creación de tipografías por parte de los misioneros norteamericanos contribuyeron significativamente al desarrollo de la prensa protestante y, en consecuencia, brasileña.

## PALABRAS CLAVE

Catecismos Protestantes. Historia de la Educación. Prácticas Educativas. Tipografías.

## 1 INTRODUÇÃO

Este texto se insere na perspectiva da História Cultural<sup>4</sup>, da História da Educação e da História do Livro, investigando um tipo de impresso protestante – o catecismo –, e evidenciando as tipografias de sete obras que integram o acervo do Arquivo Histórico Presbiteriano, publicadas no período de 1864 a 1911. Propõe apresentar as tipografias responsáveis pela publicação desses catecismos os quais serviram para instruir os alunos de escolas e igrejas protestantes instaladas no Brasil no período delimitado pelo marco temporal das obras.

Os catecismos, entre outros impressos foram utilizados pelos primeiros missionários protestantes que chegaram ao território brasileiro em meados do século XIX. Esses impressos pedagógicos serviram como ferramenta no processo de alfabetização das primeiras letras, como mola propulsora para o ensino de jovens e, principalmente, de crianças, em um país com alto índice de analfabetismo no período delimitado por esta investigação.

Os catecismos protestantes que aqui foram analisados agregaram valores morais, educacionais e religiosos, assim como, tiveram grande importância na educação de crianças e jovens que se converteram ao Protestantismo. Nesse sentido, essas obras históricas compõem a biblioteca de Júlio Andrade Ferreira, a qual integra o Arquivo Histórico Presbiteriano, instituição criada por ele, no ano de 1959, e localizada na cidade de São Paulo. Durante a sua vida, catalogou diversos tipos de impressos protestantes que circularam no Brasil desde a chegada dos primeiros missionários presbiterianos. As obras foram classificadas em livros<sup>5</sup>, livretos<sup>6</sup>, folhetos<sup>7</sup>, opúsculos<sup>8</sup>, jornais<sup>9</sup>, revistas<sup>10</sup>, hinários<sup>11</sup>, mapas, dentre outras não especificadas.

Nascido na cidade de Andrada, Minas Gerais, o Rev. Júlio Andrade se caracterizou como um intelectual brasileiro da Igreja Presbiteriana, no século XX. Em 1932, estudou na conceituada Escola Normal da Praça da República (depois Instituto Caetano de Campos), em São Paulo, onde obteve o diploma de normalista. Posteriormente, ingressou no ensino superior da Faculdade de Teologia da

---

4 “A história cultural tem chamado a atenção principalmente pelos trabalhos realizados por Roger Chartier, pesquisador que tem destacado a necessidade de estudar os objetos culturais em sua materialidade, restabelecendo os processos de produção, circulação e consumo, as práticas, os usos e as apropriações. [...] A incorporação das contribuições História Cultural torna mais produtivas as pesquisas cujo objetivo é compreender com determinadas visões de mundo” (Lopes; Galvão, 2010, p. 33).

5 Livro é uma publicação não periódica; consiste na “reunião de folhas de papel, [...] impressas ou manuscritas, organizadas em cadernos, composto por mais que 48 páginas” (Rabaça; Barbosa, 1995, p. 278).

6 Livreto [Livrete] é um livro pequeno, seja no tamanho, seja no número de folhas, com acabamento em um ou mais cadernos grampeados lateralmente ou a cavalo, com ou sem capa (Beda, 1993, p. 88).

7 Entende-se por folheto uma “publicação não periódica, com no máximo 48 páginas” (Rabaça; Barbosa, 1995, p. 274).

8 Opúsculo é um folheto de tamanho reduzido, “um livro pequeno, quanto ao formato (ou seja, de acordo com o número de dobras da página), situando-se quanto ao número de páginas entre o folheto e o livro (Rabaça; Barbosa, 1995, p. 369).

9 Os jornais protestantes tinham por característica ser um veículo de comunicação impresso que geralmente eram publicados semanalmente.

10 A revista era um meio de comunicação impresso publicada periodicamente e utilizada para tratar das temáticas bíblicas de forma lúdica por professores e alunos durante as Escolas Dominicais.

11 Os hinários foram impressos produzidos com canções para ser entoadas pelos cristãos protestantes durante os cultos.

Igreja Presbiteriana do Brasil, em Campinas, obtendo grau de Bacharel em Teologia, em 1935. Durante 11 anos de sua vida, ele exerceu a liderança na igreja da cidade de Franca, São Paulo.

Mediante o exposto, esse texto propõe evidenciar as tipografias responsáveis pela produção e edição dos sete catecismos protestantes aqui analisados, destacando a importância desses prelos como produtores de impressos e difusores de obras relevantes que contribuíram para a inculcação de valores morais e de ideias educacionais e religiosas em parte da população brasileira durante o período investigado. E, para tanto, beneficia-se dos conceitos do historiador Roger Chartier.

Para o referido autor, a História do Livro é um amplo campo de investigação direcionado a compreender o impresso na sua forma, nas ideias disseminadas por vias impressas e como esta palavra impressa foi importante para a cultura de organização política e social da humanidade. Para a História do Livro, torna-se considerável, não só o suporte material que delimita o impresso e serve de veículo da informação, como também, os textos e seus significados que devem ser entendidos por meio de códigos textuais para que haja uma interação entre o autor e o leitor. Chartier (1998, p. 12) compreende que “a tarefa do historiador é, então, a de reconstruir as variações que diferenciam os espaços legíveis – isto é, os textos nas suas formas discursivas e materiais”.

É conveniente destacar, ainda, que esta proposta de investigação também está embasada no conceito de cultura de Norbert Elias (1994), o qual compreende como cultura tudo aquilo que distancia o homem da natureza. Em se tratando de práticas sociais e educacionais, partimos do pressuposto de que essas obras detinham grande potencial pedagógico e contribuíram em larga escala para o desenvolvimento educacional da sociedade brasileira nos séculos XIX e início do XX, agregando valores e difundindo ideias inovadoras com o auxílio imprescindível dos catecismos protestantes.

Esse trabalho se apropriou dos procedimentos adotados no *método indiciário* elaborado por historiadores, como é o caso do italiano Carlo Ginzburg (2007), para auxiliar no desvelamento de práticas culturais e educacionais. Em conformidade com as técnicas de aplicação procedimental do *método indiciário*, devemos estar atentos aos mínimos detalhes que as fontes nos disponibilizam, buscando indagá-las para além da superfície do texto, levantando questionamentos que problematizem o objeto estudado nas diferentes esferas dos saberes e práticas educacionais, para, com isso, extrair informações relevantes do material averiguado.

Durante muito tempo, o catecismo foi utilizado como ferramenta de doutrinação religiosa pelos cristãos católicos. Posteriormente, com o movimento da Reforma Protestante liderada por Martinho Lutero, no século XVI, os cristãos reformadores aderiram a este mesmo recurso para propagar a fé, valores e moral do Protestantismo, e, numa eventual conversão à religião, doutrinar os fiéis, ensinando-lhes os princípios nos quais acreditavam ser os verdadeiros. Segundo Nascimento (2006, p. 2), “[...] uma das consequências dos conflitos entre católicos e protestantes a partir da Reforma foi a proliferação de catecismos”.

Nessa perspectiva, o conjunto dos catecismos aqui investigados chama a atenção também por ter impressos protestantes de origem italiana, *Linea Dopo Linea: Di Prime Istruzioni Religiose pei Bambini*, que fazem parte do acervo do Arquivo Histórico Presbiteriano, contendo alguns exemplares. Só tive acesso a dois deles: um não especifica a edição; e o outro é a quarta edição – ambos publicados

pela Tipografia e Livraria Claudiana, localizada na cidade de Firenze (Florença, na língua portuguesa), sendo que, em nenhum dos dois, especifica o autor.

A obra publicada no ano de 1864 contém um texto importante no prefácio do impresso – talvez do editor – relatando que eles são sintéticos e de tamanhos reduzidos, dando continuidade à edição inglesa, que abordam temas relevantes do Velho Testamento para serem ensinados. Ainda acrescenta uma petição a Deus que os textos bíblicos contidos no impresso sejam efetivos para a compreensão dos pequeninos leitores.

Outro catecismo protestante que obtém o mesmo título, *Linea Dopo Linea: Di Prime Istruzioni Religiose pei Bambini*, também publicado pela Tipografia e Livraria Claudiana, localizada na cidade de Firenze, é um exemplar da primeira parte, já na quarta edição, com publicação no ano de 1906. O texto do prefácio informa que o objetivo do impresso é instruir a criança a compreender as Escrituras Sagradas, direcionando os pequeninos a apreciar a leitura. Orienta ainda que o texto deve ser lido pelos pais, pois a voz dos genitores chamará mais a atenção do filho e comoverá seu coração, fazendo afetuosamente as observações necessárias.

Apesar de não registrar o nome do seu autor, informa ainda que ele teve o cuidado de não aprofundar muito as questões abordadas, decidindo descrever detalhadamente os principais fatos relatados na Bíblia, de uma forma sucinta. A segunda parte desse impresso é uma publicação de 1864, e possui um formato menor que este, publicado em 1906.

O catecismo *The Little Child's Catechism* foi publicado em 1890, pela editora St. Louis Presbyterian, tendo como autor L. H. Wilson. O impresso é de tamanho reduzido e de fácil manuseio. No prefácio, o autor relata que o objetivo do texto é prover instrução para jovens e crianças com questões que levam a respostas de fácil compreensão, utilizando a memorização, por meio de 20 lições religiosas de cunho moral, com os 10 mandamentos na última página.

Já o Catecismo para a Infância foi publicado em 1911, em parceria com a Livraria Evangélica, de Lisboa, e a Tipografia Mendonça, da cidade do Porto. Este exemplar, também localizado no acervo do Arquivo Histórico Presbiteriano, teve sua publicação em dois lugares distintos em Portugal, pela Livraria Evangélica, na cidade de Lisboa, e na Typographia Mendonça, da cidade do Porto. Nessa obra, são abordados os preceitos protestantes, estando eles distribuídos em 26 capítulos. O impresso, publicado no ano de 1911, sem autoria especificada, trata dos dogmas da igreja presbiteriana, histórias bíblicas por meio de questões de fácil compreensão e memorização. Apresenta também vários personagens da Bíblia como exemplos a serem seguidos pelos pequenos protestantes.

O *Mother's Catechism* tem autoria de Anna L. Price, publicado pela Whittet & Shepperson, na cidade de Richmond, Estado da Virgínia, nos Estados Unidos, tendo os direitos autorais reservados ao Comitê Presbiteriano de Publicações<sup>12</sup>, do Escritório da Livraria do Congresso, em Washington, DC. Foi publicado, provavelmente, durante a década de 1970 do século XIX, como instrumento de auxílio

---

12 “O Comitê Presbiteriano de Publicação começou em 1862 em Richmond, Virgínia, como braço de publicação baseado no Cristianismo da velha Igreja Presbiteriana do Sul para imprimir um periódico escolar dos dias atuais. Eventualmente, ramificou-se para publicar livros e cartões postais. Os cartões postais foram impressos na Alemanha” (PRESBYTERIAN COMMITTEE OF PUBLICATION, 2021).

aos professores das Escolas Dominicais. Composto de perguntas e respostas curtas, distribuídas em 16 páginas, o conteúdo orienta as mães como deveriam ensinar a seus filhos.

Apresenta a Bíblia como o livro de Deus, que deve servir de guia para a vida. Jesus Cristo é descrito como Filho de Deus, nascido como uma criança, semelhante à que está aprendendo a doutrina cristã. Durante o aprendizado, o pequenino deverá memorizar versículos bíblicos relacionados às questões apresentadas, além de curtas orações e os Dez Mandamentos. A criança também aprende que deve demonstrar servir a Deus por meio da obediência aos seus pais. Os missionários são apresentados como as pessoas que divulgam o evangelho em outros países, necessitando, portanto, de dinheiro para subsistirem.

O *Leite para Crianças Catecismo Bíblico* foi publicado em 1905, pela Casa Editora Presbiteriana, na cidade de Lavras, Estado de Minas Gerais, no Brasil, sendo seu autor Samuel B. Schieffelin. A contracapa do impresso faz referência a outros livros, catecismos e tratados evangélicos que estariam à venda na editora citada anteriormente. Para além dessas informações, registra o valor ao lado de cada título referendado. As temáticas abordadas no interior do catecismo fazem sempre alusão às principais histórias da Bíblia e seus personagens.

O exemplar intitulado *Um Novo Catecismo* foi publicado no Brasil na cidade do Rio de Janeiro, pela Editora Casa Publicadora Methodista, e não apresenta o ano em que foi publicado. Para encaixar essa obra no recorte temporal delimitado, a escrita, a tradução e edição serão alguns dos indícios analisados na seção que trata da materialidade dos impressos. O catecismo teve como autores diversos ministros de igrejas evangélicas na Inglaterra, sendo traduzido pelo Rev. Dr. J. M. Kyle e editado pelo Rev. Edmund A. Tilly. O prefácio indica que o catecismo foi criado por uma comissão de teólogos representando as igrejas “Methodistas, Baptistas, Presbiterianas e Congregacionalistas” para disseminar as doutrinas aceitas pelas várias congregações cristãs.

## 2 HISTÓRIA MODERNA DAS TIPOGRAFIAS E EDITORAS

A maneira mais comum ao homem de transmitir informações sempre foi por meio da comunicação verbal e gestual. Com o nascimento da escrita, o homem pôde agregar mais uma forma de comunicação, aquela que, para muitos, desde o seu surgimento, tem contribuído significativamente com a construção de narrativas históricas por experiências de outrem.

Por meio da escrita, foi possível relatar para a posteridade importantes fatos que mudaram toda a humanidade: as grandes descobertas, guerras que extinguiram e criaram novas nações, as revoluções que continuam influenciando na contemporaneidade, notáveis movimentos que culminaram na queda de grandes governos, fatos marcantes que estão registrados e são transmitidos nas obras escritas por muitos séculos. Não obstante, é possível enfatizar que, no processo de construção da história, “a tarefa do historiador é apresentar aos leitores os fatos”, destacando não apenas os heróis ou vencedores, mas todos os envolvidos na narrativa (Burke, 1992, p. 15).

A escrita deu ao ser humano a capacidade de se comunicar por meio de caracteres. Muito antes dos impressos, o processo de produção de um livro era manual e sob encomenda, demandando um

longo período para a realização da obra. O público-alvo é outro fator importante a ser considerado, pois, normalmente, os consumidores desse produto faziam parte de uma seleta parcela da sociedade, os nobres e integrantes do clero. A tarefa de desenvolver o manuscrito ficava na responsabilidade dos escribas comprometidos que redigiam e copiavam documentos importantes, página por página. Foi o alemão Johannes Gutemberg (1395-1468) quem criou o primeiro processo de impressão em letras de metal, sendo dele o primeiro livro impresso produzido em larga escala, a Bíblia de Gutemberg, em 1454. A prensa para a produção de impressos foi uma das principais tecnologias desenvolvidas naquele século. Desde o advento da imprensa na Modernidade, as obras e os textos ganharam outra dimensão pela quantidade de replicação desses impressos e disseminação da informação.

A impressão tipográfica em relevo é o processo de impressão mais antigo da humanidade. Esse processo nasceu na China durante o século V depois de Cristo. Mas foi na Europa, especificamente na Alemanha, que Johannes Gutenberg iniciou a arte de imprimir com tipos móveis introduzindo o método tipográfico. O método tipográfico consiste num processo de transferência de tinta ao papel. É passada uma camada de tinta nas áreas em relevo que, por sua vez, são transferidas diretamente para o papel por pressão. A tipografia concretizou-se como um dos elementos mais importantes da comunicação e, com o passar dos séculos, houve uma nítida evolução nos processos de produção dos impressos. De acordo com o pensamento de Orlando (2008, p. 73),

[...] A impressão pode ser, conforme Smith Jr. De dois tipos: tipográfica, um processo mais tradicional que consiste no seguinte processo: a tinta é colocada em um tipo de relevo, o papel é pressionado contra esse relevo e as formas das letras são assim copiadas no papel; planográfica, denominada dessa forma por usar ao invés do tipo em relevo, uma chapa plana.

Com o decorrer dos séculos, a expansão da imprensa culminou no crescimento do mercado livreiro e colaborou para o desenvolvimento da humanidade por meio da propagação da cultura letrada. Cabe ressaltar que uma das consequências do movimento que teve seu ápice na Reforma Protestante foi muito influenciado pela revolução da imprensa, auxiliando na disseminação das ideias reformistas por todo o continente europeu. Dessa maneira, o conhecimento também foi disseminado via difusão de impressos por meio da língua vernácula, não apenas da língua oficial da Igreja (o Latim). Como consequência, mais pessoas puderam ter acesso à educação com a língua escrita, porém, poucos eram alfabetizados e capacitados para dominar a leitura devido ao pouco contato que tinham com os manuscritos ou impressos.

Segundo Robert Darnton (1990, p. 171), foi só a partir de 1500 que “o livro, o panfleto, o folheto, o mapa e o cartaz impressos começaram a atingir novos tipos de leitores e a estimular novos tipos de leitura”, ou seja, para além da comunidade de leitores<sup>13</sup> habituais que já existiam (grupos de leitores

---

13 Roger Chartier utiliza em algumas oportunidades nos seus estudos sobre a História da Leitura o conceito de Comunidade de Leitores. Essas comunidades são formadas por grupos de pessoas com características peculiares aos seus integrantes, os intelectuais eruditos, os leitores pouco alfabetizados, cada grupo com seus gestos, maneiras, hábitos, práticas de leitura que interferem na interpretação e compreensão dos textos (Chartier, 1998).

geralmente com intelectuais ligados à Igreja ou à realeza), foram organizadas novas comunidades de leitores. A acessibilidade aos impressos possibilitou uma expansão das obras a “[...] um preço cada vez mais barato e uma distribuição mais ampla, o novo livro transformou o mundo”. Conforme o referido autor, por muito tempo, a leitura continuou a ser uma experiência oral, desempenhada em público, diferente da leitura silenciosa realizada apenas com os olhos e de maneira mental, sendo este tipo de leitura desenvolvido num período mais recente.

Para muitos historiadores, a Reforma Protestante no século XVI só ganhou tamanha notoriedade graças à criação revolucionária da imprensa criada por Gutenberg que continuou se aperfeiçoando no que diz respeito às técnicas de impressão. Mesmo com a resistência dos escribas e do clero, a implantação das tipografias no processo de impressão continuou ganhando força, fazendo com que as autoridades religiosas a liberassem, mesmo temendo o acesso irrestrito aos impressos.

Convém salientar que as 95 teses de Martinho Lutero pregadas na porta da Paróquia de Wittenberg, em 1517, na Alemanha, foram rapidamente disseminadas por toda a Europa. Mesmo com o alto índice de analfabetismo nas diversas áreas do continente europeu, a imprensa mostrou-se importante ferramenta para a propagação da informação de ideias utilizadas pelos reformadores. E, assim, a palavra escrita deixou de ser exclusividade do clero e propagou-se nas mais remotas áreas da Europa, dando oportunidade à grande massa de ter acesso às obras.

A tipografia e os seus processos de impressão tipográficas também tiveram notabilidade no chamado século das luzes, o século XVIII. Esse século ficou marcado pelo Iluminismo, movimento político e filosófico que aconteceu na Europa, principalmente na França, em contraversão ao Antigo Regime, o Absolutismo Monárquico, e a Igreja Católica. Muitos folhetos impressos foram espalhados por todo o país, denegrindo a imagem da monarquia, o que demonstra tamanha relevância da tipografia no principal movimento revolucionário do referido século. O século das luzes foi uma época de ouro para a tipografia, na medida em que atribuiu ao livro impresso um dos elementos fundamentais para o avanço intelectual e social da humanidade.

Muito da expansão e evolução da tipografia esteve ligado ao processo de industrialização vivenciado no planeta. Não somente as máquinas de impressão evoluíram, como foram criadas máquinas de fabricação de papel, resultando numa matéria-prima de maior qualidade e baixo custo, se comparada ao modelo artesanal anteriormente de fazer as folhas de papel. Em se tratando de industrialização, os séculos XVIII e XIX ficaram marcados pela Revolução Industrial vivenciada no planeta, principalmente nas nações mais desenvolvidas do ponto de vista econômico. Esse período industrial e de grande desenvolvimento tecnológico foi iniciado na Inglaterra, espalhando-se rapidamente por todos os continentes e ocasionando transformações em diversos âmbitos da sociedade moderna.

O continente europeu, desde a criação da prensa por Johannes Gutenberg, rapidamente se tornou o centro das tipografias e editoras do planeta, destacando-se no mercado dos impressos e editoriais pelos numerosos títulos produzidos e disseminados por toda a Europa. Muitos países, por intermédio dos seus editores e livreiros, organizaram catálogos para dimensionar a elevada quantidade de impressos produzidos e o consequente alastramento de leitores. Quanto maior a procura pelas obras, maior seria a produção delas.

Vale ressaltar que existia um mercado negro dos impressos por causa da censura, portanto, é difícil dimensionar o tamanho real do mercado livreiro nos séculos em que as Monarquias Absolutistas europeias estiveram no poder. Roger Chartier, em sua obra “A ordem dos livros”, retratou sobre a França no século XVII e o sonho de uma “biblioteca universal, real ou imaterial, contendo todas as obras já escritas. [...] O autor, o livreiro-editor, o comendador, o censor, todos pensam em controlar mais de perto a produção do sentido” que só poderia ser possível por meio de catálogos (Chartier, 1998, p. 7).

Do outro lado do Atlântico, foi preciso mais de três séculos desde a chegada dos primeiros portugueses para que fosse instalada oficialmente a primeira tipografia em solo brasileiro – o decreto de 13 de maio de 1808 oficializou a imprensa no Brasil. Até então, os impressos que aqui transitavam eram trazidos por viajantes de outros países (obras contrabandeadas no mercado negro) ou aqueles liberados com autorização das autoridades portuguesas responsáveis pela Real Mesa Censória<sup>14</sup>.

Em síntese, a liberação da imprensa no território brasileiro enfrentou um jogo de interesses da Coroa lusitana, logo, “a estruturação e o enraizamento da tipografia estavam intimamente associados a uma intrincada rede de poderes que, em última instância, tinham o objetivo de sustentar o absolutismo monárquico de D. João VI” (Meirelles, 2006, p. 12). Não obstante, antes de a Imprensa Régia chegar ao Brasil, houve a tentativa de implantação de outras tipografias, porém, não houve êxito, pois, a coroa portuguesa interveio com o objetivo de impor limites à circulação de ideias na Colônia por meio da censura.

A saber, a censura foi utilizada pela Coroa portuguesa como ferramenta de repressão para manter o povo alienado, privado do conhecimento e, conseqüentemente, submisso às ordens dos colonizadores. Com isso, era sabido de Portugal que as principais revoluções e lutas pela independência que haviam acontecido no planeta estavam intimamente ligadas com a circulação de panfletos e folhetos distribuídos por toda a sociedade. Com a chegada da tipografia oficial, a liberação de alguns prelos particulares possibilitou ao povo a democratização e circulação da palavra impressa, diversificando o público-alvo da cultura letrada que era composta daqueles mais abastados.

O século XIX reservava ao Brasil um período de avanço social e político, com mudanças consubstanciadas pela luta de um povo em busca da sua liberdade. Dentro desse século, ocorreram três mudanças de governos – Monarquia, Império e República –, a libertação oficial dos escravos e o processo histórico de separação entre Brasil e Portugal, em 7 de setembro de 1822. E, com esse evento, a Colônia se concretizou como uma nação independente de Portugal. Foi justamente nesse panorama de grande agitação que a imprensa brasileira começou a tomar forma e ganhar espaço num cenário que antes fora de controle português, sobretudo na corroboração da propagação de ideias que resultaram no anseio pelo conhecimento do campo intelectual. A Constituição do Império de 25 de março de 1824 garantiu aos brasileiros:

Todos podem communicar os seus pensamentos, por palavras, escriptos, e publicar-os pela Imprensa, sem dependencia de censura; com tanto que hajam de responder pelos

---

14 Em 1768, Pombal instituiu uma lei para unificação dos três poderes, e criou a Real Mesa Censória. Esta era constituída de eclesiásticos, funcionários leigos, e outros censores nomeados pelo Rei. A criação de um tribunal da Mesa Censória pelo conde de Oeiras, Sebastião José de Carvalho e Melo, teve como base a necessidade de impor limites à circulação de ideias. Este tribunal deveria permitir a difusão de obras consideradas úteis e proibir aquelas que comprometessem a ordem vigente (Abreu, 2017).

abusos, que commetterem no exercicio deste Direito, nos casos, e pela fórma, que a Lei determinar (Brasil. Constituição de 1824, art. 179, nº IV).

No Brasil, a implantação da tipografia oficial e os seus processos tipográficos tiveram grande relevância durante o Império (1822-1889). A Imprensa Régia chegou ao país com a vinda da Corte Real ao Rio de Janeiro no ano de 1808, marcando seu tempo num período de transformações políticas e econômicas do Brasil Imperial. A primeira tipografia particular foi instalada na capitania da Bahia no ano de 1811, por Manuel Antônio da Silva Serva, responsável direto pela impressão de alguns manuais didáticos distribuídos pelo Brasil que cooperaram demasiadamente para a História do Livro, da imprensa e da educação brasileira. Só com a instalação dos primeiros prelos no Brasil, pôde-se ter início à produção dos periódicos que se tornaram patrimônio cultural e social da nação.

Numa visão mais crítica, se comparado com outros países, é possível afirmar que, no Brasil, houve um atraso na instalação do mercado tipográfico, sendo este um dos fatores que podem estar relacionados com o alto nível de analfabetismo citado por alguns historiadores em suas pesquisas do Brasil oitocentista.

A Constituição do Império, para além da liberdade de imprensa, garantiu alguns importantes direitos civis e religiosos. No âmbito religioso, estabeleceu o Catolicismo como religião oficial do Estado, mas concedeu a liberdade de culto a outras religiões: “A Religião Catholica Apostolica Romana continuará a ser a Religião do Imperio. Todas as outras Religiões serão permitidas com seu culto doméstico, ou particular em casas para isso destinadas, sem fórma alguma exterior do Templo” (Brasil, Constituição de 1824, art. 5).

Essa garantia possibilitou que estrangeiros cristãos protestantes pudessem adentrar e circular livremente no país, mesmo com toda a resistência da Igreja Católica e os frequentes embates no campo religioso. Eles foram importantes agentes do desenvolvimento intelectual da sociedade brasileira por meio da disseminação de impressos protestantes que difundiram ideias e saberes religiosos e educacionais nos Oitocentos.

Com um cenário propício à circulação de impressos durante o século XIX, o Brasil vivenciou um aumento de editoras, livrarias, bibliotecas e tipografias que encabeçaram o movimento da produção de impressos no país e possibilitaram o acesso às obras. Pesquisas revelam que, “se o mercado de livros já crescera de maneira substancial no século XVIII, nos anos 800, o número de títulos e autores em circulação aumentou sobremaneira”, devido à potencialização do mercado tipográfico, outrora, obras que eram enviadas para a realização no continente Europeu puderam ser produzidas em território brasileiro (Nascimento, 2001, p. 3).

O Protestantismo, desde o seu surgimento, teve como um dos seus principais ideais a divulgação da Bíblia na língua vernácula, portanto, beneficiando-se do advento da imprensa, produziu e disseminou nas mais remotas áreas do planeta as Escrituras Sagradas. No Brasil, não foi diferente. A mesma estratégia foi utilizada primeiro com os integrantes das Sociedades Bíblicas Britânica e Estrangeira (BFBS) e a Sociedade Bíblica Americana (ABS)<sup>15</sup>, posteriormente, com os norte-americanos da Missão

---

15 “As sociedades bíblicas eram entidades mundiais que tinham como finalidade a divulgação integral ou parcial da Bíblia na língua vernácula de cada povo. Antes mesmo de estabelecerem agências no Brasil, iniciaram um trabalho de divulgação

Brasil – órgão vinculado à Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos –, que, além da venda e distribuição das Bíblias, também produziram impressos religiosos e educacionais nas mais longínquas áreas do território brasileiro.

Os cristãos protestantes que chegaram ao Brasil em meados do século XIX se fizeram notáveis colaboradores da imprensa brasileira não apenas pela vasta distribuição de impressos, que disseminou novas ideias religiosas e educacionais. Contribuíram também na expansão do mercado tipográfico produzindo textos em suas próprias casas publicadoras e criando periódicos que se tornaram o meio de comunicação oficial para a difusão do pensamento religioso protestante na sociedade brasileira dos Oitocentos. Para além das escolas, igrejas, albergues, hospitais, os missionários presbiterianos que chegaram ao Brasil, a partir de 1859, “utilizando-se da palavra impressa para divulgar seus ideais religiosos e consolidar seu trabalho de evangelização e educação além de traduzir, começaram a produzir sua própria literatura” (Almeida, 2013, p. 61).

Com o passar dos anos e uma quantidade extensa de material para produzir e fazer circular no país, acarretou num custo alto de despesas para impressão, edição e tradução. Pensando nisso, o ministro da igreja presbiteriana Emanuel Vanorden – holandês que chegara ao Rio de Janeiro no ano de 1872, por meio da Junta de Missões de Nova Iorque –, criou sua própria tipografia, iniciando as atividades no final da década de 1880. A “*Tipografia a vapor Vanorden & Cia*”, – localizada na Rua do Rosário, nº 9 e 11, em São Paulo –, popularmente conhecida como Casa Vanorden, foi a primeira tipografia protestante instalada no Brasil, sendo responsável direto pela produção de inúmeros folhetos, livros, livretos panfletos e por oferecer serviços comuns aos processos tipográficos (Almeida, 2013).

A experiência bem sucedida de Emanuel Vanorden impulsionou outros cristãos a criarem suas próprias “Casas Publicadoras protestantes, estas, por sua vez, ofertaram o suporte necessário para as editoras das suas respectivas denominações”. No final do século XIX, mais precisamente no ano de 1894, o missionário metodista J. W. Wolling instituiu uma Casa Publicadora também em São Paulo, – localizada na Rua Esperança, nº 15, São Paulo –, que passou a imprimir os jornais da igreja metodista e divulgar os periódicos especializados da imprensa protestante. No tocante à produção dos periódicos protestantes em território brasileiro, houve um barateamento na produção, e consequentemente, um aumento significativo após a criação das tipografias protestantes (Almeida, 2013, p. 68).

### 3 AS TIPOGRAFIAS E EDITORAS DOS CATECISMOS PROTESTANTES

Quanto aos sete catecismos protestantes aqui analisados, eles foram produzidos e publicados em tipografias do Brasil, dos Estados Unidos da América, da Itália e de Portugal. Os países do continente Europeu foram as primeiras nações a se familiarizarem com a circulação dos impressos desde a criação da imprensa idealizada por Gutemberg. E os Estados Unidos, desde a sua independência,

---

e propagação das ideias protestantes no país nas primeiras décadas do século XIX, expedindo Bíblias e Novos Testamentos através da embaixada inglesa, por portadores diretos, por comerciantes, pelos comandantes de navios que zarpavam dos Estados Unidos” (Reily, 1984, p. 54, 59).

tornaram-se gradativamente o maior centro editorial das Américas e um dos maiores polos de publicação de impressos da época.

Em contrapartida, por muito tempo, o Brasil figurou apenas como consumidor de obras vindas de outros lugares do mundo, principalmente de Portugal, por ser seu colonizador. Porém, com a liberação da imprensa no século XIX, o mercado editorial cresceu significativamente, tendo como um dos seus agentes impulsionadores os cristãos protestantes. A seguir, foram listados respectivamente num quadro, os países, cidades, tipografias e ano de publicação de todos os catecismos protestantes investigados.

Quadro 1 – Tipografias e Países de Origem dos Catecismos Protestantes

<b>TÍTULO DOS CATECISMOS</b>	<b>TIPOGRAFIAS</b>	<b>CIDADE DE PUBLICAÇÃO</b>	<b>ANO DE PUBLICAÇÃO</b>
Di Prime Istruzioni Religiose Pei Bambini (Parte Seconda)	Tipografia e Livraria Claudiana	Firenze (ITÁLIA)	1864
The Little Child's Catechism	St. Louis Presbyterian	St. Louis (USA)	1890
Leite para Crianças. Catecismo Bíblico para Classes Infantis	Casa Editora Presbiteriana Lavras	Lavras – MG (BRASIL)	1905
Di Prime Istruzioni Religiose Pei Bambini (Parte Prima, 4ª Ed.)	Tipografia e Livraria Claudiana	Firenze (ITÁLIA)	1906
Catecismo para a Infância	Livraria Evangelica (Lisboa, Rua das Janelas Verdes, 32) Typographia Mendonça, a Vapor (Porto, Rua da Picaria, 30)	Lisboa/Porto (PORTUGAL)	1911
Um Novo Catecismo	Casa Publicadora Methodista	Rio de Janeiro (BRASIL)	S/D
Mother's Catechism	Whitte & Shepperson	Richmond (USA)	S/D

Fonte: Arquivo Histórico Presbiteriano, São Paulo (2000).

O “Catecismo para a Infância” foi produzido e publicado em Portugal, país responsável por uma parte considerável dos impressos que circularam no Brasil colonial. Não obstante, influenciou mesmo que tardiamente na criação das primeiras tipografias brasileiras. Antes mesmo da primeira tipografia oficial no país, a Imprensa Régia, no século XIX, um português em especial, Antonio Isidoro da Fonseca, se aventurou na missão inovadora de criar o primeiro prelo em território brasileiro, no ano de 1747.

Prontamente, o Rei enviou um documento ao governador da capitania do Rio de Janeiro, deixando “claro que era expressamente proibida a arte da impressão na Colônia. Ainda ressaltava as estruturas da censura real que ordenava o confisco do material produzido ao mesmo tempo em que impunha penas legais”. Em 1750, Antonio Isidoro “requeria ao Rei sua volta ao Brasil, dessa vez, com as devidas licenças legais. Mais uma vez, lhe foi negado o direito de instalar prelos na Colônia” (Meirelles, 2006, p. 48-49).

Durante esse mesmo período que o português Antonio Isidoro tentou implantar o primeiro prelo na colônia, outros países pelo mundo já possuíam sua própria imprensa com oficinas tipográficas, editoras e pessoas capacitadas na arte de produzir impressos. A medida que se tornava cada vez mais comum a popularização dos impressos nas classes populares pelo mundo, principalmente na Europa, o debate a respeito dos prelos e impressões no Brasil foram cerceados pela coroa portuguesa. Fato que possivelmente contribuiu para o atraso intelectual de parte significativa da população brasileira nos séculos subsequentes, pois, é comprovado pela ciência que o acesso à cultura letrada está intimamente ligado ao desenvolvimento cognitivo do ser humano. Com isso, é possível inferir que o elevado índice de analfabetismo no século XIX e primeira metade do século XX no Brasil deveu-se ao pouco acesso à cultura letrada.

Ainda a respeito do “Catecismo para a Infância”, a Livraria Evangelica localizada na Rua das Janelas Verdes, nº 32, em Lisboa<sup>16</sup>, ficou incumbida pela produção e publicação do citado impresso. A referida tipografia foi responsável por grande parte dos impressos da literatura protestante que transitou no Brasil do século XIX, colaborando para a história da cultura impressa oitocentista brasileira que contou com alguns elementos estrangeiros. De acordo com Cruz (2014, p. 208-209),

A Livraria Evangelica era uma Agência da Sociedade de Tratados Religiosos, que iniciou suas atividades ainda no Século XIX e, em 1913, separou-se da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira – estabelecida em Portugal desde 1864. [...] A livraria não apenas editava e fazia imprimir os impressos evangélicos, como também servia de posto para venda de material protestante produzido por outras tipografias da região.

A contracapa desse mesmo catecismo estampa uma tipografia diferente da estampada na capa da obra. É o prelo de José da Silva Mendonça, denominado de Typografia a Vapor, localizado na Rua da Picaria, nº 30, na cidade do Porto, em Portugal. Ainda há pouquíssimos registros dessa importante tipografia portuguesa e sua relevância para a História da Educação na produção dos impressos protestantes difundidos no Brasil, como nas representações adquiridas na sociedade brasileira.

Nesse sentido, existem numerosas fontes documentais no Arquivo Histórico Presbiteriano e no Centro de Documentação e História Vicente Themudo Lessa em que a referida tipografia esteve incumbida da produção ou edição desses impressos. É necessário investigar quem foi José da Silva Mendonça e sua importância na história da tipografia portuguesa, colaborando com a cultura da

---

16 “O endereço acima, no último título em outros, indica o local onde os presbiterianos instalaram sua tipografia em Lisboa, ou seja, na rua das Janelas Verdes. O edifício era um antigo e extinto convento Carmelita, conhecido por Marianos, o qual foi comprado pelos presbiterianos num leilão público, o que, segundo os relatos dos próprios presbiterianos, levantou certa polêmica da parte dos católicos portugueses” (Cruz, 2014, p. 110-111).

imprensa brasileira por meio dos seus impressos, essa observação fica como sugestão para pesquisas futuras no campo da História da Educação.

Apesar de não haver um levantamento oficial das principais tipografias e editoras protestantes que publicaram e editaram obras que circularam no Brasil oitocentista, certamente, estão entre as primeiras ranqueadas a “Livreria Evangelica” e a “Typografia a Vapor”, ambas portuguesas. É possível observar nas capas de muitos impressos protestantes que circularam no Brasil daquele período e que hoje integram os arquivos e bibliotecas do país, que as citadas tipografia e livreria contribuíram em demasiado para a disseminação das ideias protestantes em solo brasileiro. É preciso um estudo mais aprofundado para dimensionar a importância desses prelos para a propagação de obras no Brasil e como eles contribuíram efetivamente com tudo aquilo que veio em decorrência das obras, como o desenvolvimento intelectual, educacional e cultural dos cidadãos.

As tipografias e os seus processos já eram significativos nos Estados Unidos da América e, “em 1775, havia 50 impressoras nas 13 colônias”, corroborando com a expansão da imprensa e espalhando “a palavra da revolução pelo Novo Mundo mais rápido do que a palavra falada, encorajando a frente unificadora de uma poderosa rebelião” (Clair; Busic-Snyder, 2009, p. 71). Assim como na Europa, foi graças à livre circulação dos impressos que corroborou para o encorajando dos norte-americanos na revolução pela independência do país no século XVIII.

Os relatos históricos difundidos até hoje nas páginas dos impressos da contemporaneidade, dizem o quão representativos eles foram para as revoluções, para o desenvolvimento da educação, para as quebras de paradigmas da sociedade como um todo. No entanto, aos pesquisadores sobram questionamentos sobre elementos tão fundamentais quanto as obras impressas: onde elas foram produzidas? Porque os autores de algumas obras ficavam no anonimato? Quem eram as pessoas responsáveis pelas edições e publicações das obras? Quem eram os donos das oficinas tipográficas?

São questionamentos que ao serem esclarecidos enriquecerão bastante a história da imprensa protestante no Brasil. Devido ao cenário da difusão de materiais impressos no Brasil dos séculos XIX e XX, percebe-se que existia um número significativo de consumidores de obras, necessariamente, esse público consumidor serviu de engrenagem para a locomotiva do mercado editorial do país.

Quanto aos catecismos analisados nesta pesquisa, dois deles foram produzidos e publicados por tipografias norte-americanas da Igreja Presbiteriana das cidades de Saint Louis, no Estado do Missouri, e na cidade de Richmond, no Estado da Virgínia. Tais igrejas e tipografias estavam integradas às Missões da Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos da América (PCUSA)<sup>17</sup>. A respeito da consolidação do protestantismo no Brasil, a colaboração das tipografias protestantes norte-americanas na produção dos impressos foi tão importante quanto a disseminação de obras no território brasileiro. A princípio, é necessário dizer que os impressos anteriormente publicados no exterior passaram a ser publicados, anos mais tarde, nas tipografias das próprias igrejas protestantes brasileiras.

---

17 Segundo Nicole Bertinatti (2011), “para iniciar o processo de disseminação da religião protestante, a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América (PCUSA) criou, no ano de 1837, a Junta de Missões Estrangeiras, sediada em Nova Iorque. Os primeiros países a receberem missionários presbiterianos foram a Índia, a Tailândia, a China, a Colômbia e o Japão. O Brasil foi a sexta nação a receber o missionário Ashbel Green Simonton, enviado no ano de 1859”.

A tipografia *Whitte & Shepperson* foi a responsável pela impressão e produção da obra intitulada *Mother's Catechism*, porém, há poucos indícios sobre a referida casa publicadora, quem foi seu idealizador, ano de inauguração, o endereço e outros elementos importantes para o pesquisador. Na historiografia brasileira, principalmente nas pesquisas que tratam da imprensa protestante, existem tópicos que tratam superficialmente das tipografias norte-americanas, sobretudo no que se refere à quantidade de impressos produzidos de origem dos centros editoriais localizados nos Estados Unidos da América, mas ainda estão faltando pesquisas mais aprofundadas sobre o impacto dessas importantes instituições que contribuíram para propagação do conhecimento e também com a cultura da palavra impressa.

A obra intitulada *The Little Child's Catechism* foi produzida e também publicada nos Estados Unidos da América pela tipografia *St. Louis Presbyterian Print*. Quanto à tipografia, as únicas informações são: a cidade de origem que está expressa na capa do catecismo e que, ao final do século XIX, estava exercendo suas funções tipográficas de impressão das obras. Em pesquisa realizada no site da *Presbyterian Historical Society* (arquivo nacional da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América), não foi encontrado nenhum tipo de registro sobre a *St. Louis Presbyterian Print*, em contrapartida, obteve-se informações sobre a organização da primeira Igreja Presbiteriana de Saint Louis, fundada em 15 de novembro de 1817 pelo Reverendo Salmon Giddings. Outro fato relevante dos líderes foi a luta fervorosa por uma sociedade mais igualitária (*Presbyterian Historical Society*, 2021).

A história da imprensa protestante no Brasil começou com os estrangeiros. Foi a partir da chegada dos primeiros missionários norte-americanos no início do século XIX, que os primeiros impressos foram disseminados em parte do país. Somente com mais de meio século após a difusão dos primeiros impressos é que foi construída a primeira oficina tipográfica protestante, a "*Thipografia a vapor Vanorden & Cia*", do holandês Emanuel Vanorden. As primeiras tiragens de impressos protestantes em solo brasileiro foram realizadas no final da década de 1880. Observa-se que a imprensa protestante no país foi idealizada e construída por missionários que se instalaram por aqui durante os anos oitocentos.

Os dois catecismos intitulados *Linea Dopo Linea: di prime istruzioni religiose pei bambini* foram publicados pela mesma tipografia na cidade de Firenze, Itália. Porém, quanto à tipografia Claudiana responsável pela publicação dos catecismos italianos, existem algumas diferenças que estão expressas na capa e contracapa das obras. A capa do catecismo publicado no ano de 1864 faz referência apenas à "*Tipografia Claudiana*" localizada na *Via Maffia*, nº 33; a contracapa da obra publicada no ano de 1906 (esse catecismo não possui capa) traz os dizeres: "*Prem. Tip. e Lib. Claudiana*", ou seja, 42 anos entre uma publicação e a outra, o prelo evoluiu e passou a ser também uma livraria localizada na *Via de' Serragli*, nº 51.

A tipografia Claudiana foi fundada no ano de 1855, em Turim, na Itália, mantendo-se por lá até o ano de 1862, quando se mudou para Florença junto à Faculdade de Teologia. A Claudiana recebeu esse nome em homenagem ao Bispo Claudio de Turim (816-828), que lutou contra a introdução de imagens sacras nas igrejas. Ela foi criada por um grupo de cristãos denominado valdenses<sup>18</sup>, que

---

18 Os valdenses tiveram sua origem com Pedro Valdo em Lyon, na França, por volta de 1173. O movimento valdense se caracterizou pela prática da pregação leiga, ou seja, com pessoas que não possuíam cargos eclesiásticos, por fazerem votos de pobreza e desapego às coisas materiais e por trajarem roupas bem simples. Entre os anos de 1175 e 1185, Pedro Valdo enco-

observou a necessidade da propagação do evangelho de Cristo por meio de panfletos, folhetos e demais impressos. A tipografia Claudiana manteve-se ativa, pois algumas igrejas protestantes da Itália a procuravam para produzir seus impressos, elevando bastante a arrecadação do prelo. Porém, com o passar dos anos, algumas dessas igrejas criaram suas próprias tipografias acarretando numa diminuição significativa da arrecadação dos seus honorários.

Todavia, a tipografia Claudiana se reinventou, mesmo sem a tiragem de produção dos impressos que antes produzira, mediante a criação de livrarias que continuam até os dias atuais se propagando por algumas cidades italianas, a exemplo de: Florença, Roma, Milão, Torino e Turim. A criação das livrarias fora usada como mecanismo para expandir seu leque de ofertas e tornar-se mais competitiva para consolidar sua marca em tempos de capitalismo exacerbado. A partir da sua tipografia, em meados do século XIX, a Claudiana colaborou para uma maior difusão dos impressos protestantes, não apenas em território italiano, a saber os catecismos que circularam no Brasil, que são analisados nesta pesquisa como objetos culturais que contribuíram para a educação.

Os dois catecismos produzidos no Brasil que fazem parte desta investigação foram publicados por tipografias de Igrejas protestantes advindas dos Estados Unidos da América e trazem estampados nas capas das obras as respectivas denominações das quais são partícipes. As igrejas de origem estadunidense valeram-se do mecanismo de criar os próprios prelos para diminuir os altos custos com a produção de impressos publicados por intermédio das tipografias comerciais no Brasil ou mesmo fora dele. Principais produtores e difusores dos impressos protestantes no Brasil a partir da segunda metade do século XIX, os norte-americanos da Igreja Presbiteriana foram responsáveis pela publicação do catecismo intitulado *Leite para Crianças: catechismo bíblico*.

O referido catecismo foi publicado no ano de 1905, pela Casa Editora Presbiteriana da Cidade de Lavras, Minas Gerais. A Tipografia instalada no ano de 1889 levou consigo importantes fatos para a História da Educação brasileira. Essa tipografia integrou o Colégio Internacional ou o Instituto Campinas, fundado pelos missionários protestantes norte-americanos no ano de 1869, em Campinas. No entanto, o surto de febre amarela que assolou Campinas e o Brasil no final do século XIX levou o Colégio Internacional, criado por George Nash Morton e Eduard Lane, a mudar de ares. Nesse sentido, tais fatos se tornam importantes evidências, pois “a história só é feita recorrendo-se a uma multiplicidade de documentos e, por conseguinte, de técnicas. [...] É que os fatos humanos são, em relação a todos os outros, complexos” (Bloch, 2001, p. 27).

A cargo do Rev. Samuel Rhea Gammon, o Instituto Evangélico chegara à cidade de Lavras, em 1893, para gerar na sociedade local algumas transformações, seja no âmbito educacional ou da imprensa. Ao chegar em Lavras, o Instituto Evangélico “já possuía uma oficina tipográfica que foi iniciada por Lane em 1889. [...] Na escola de meninos, inicialmente, foi inaugurado a oficina de carpinteiros. Mais tarde a sapataria, a selaria, a tipografia, a encadernação, etc” (Lima, 2015, p. 50).

Isso quer dizer que as instalações da tipografia também passaram a ser utilizadas para ensinar os meninos da cidade a desenvolverem as habilidades de tipógrafos. Ocorre que, para além das Escolas

---

mendou de um clérigo a tradução da Bíblia para o seu idioma local, o franco-provençal. Para esse feito, muito provavelmente, foi utilizada parte da sua fortuna.

Paroquiais as quais eram construídas anexas às igrejas protestantes, as tipografias que levavam os nomes das suas respectivas congregações publicadas nos impressos também eram utilizadas pelos alunos por meio de cursos oferecidos pelas instituições educacionais.

Por fim, a obra intitulada *Um Novo Catechismo* foi produzida pela *Casa Publicadora Methodista*, localizada na Rua da Ajuda, nº 20, Rio de Janeiro. Nas pesquisas sobre a história da Igreja Metodista no Brasil, os autores não tratam dessa tipografia. Porém, em pesquisa realizada nos sites, a rua que consta como endereço do prelo integra a região central do comércio na cidade do Rio de Janeiro durante o século XIX. Dentre outros estabelecimentos naquela rua, existiram jornais, revistas, litografias e tipografias. A Rua da Ajuda existiu até a construção da Avenida Rio Branco, em 1905. E, como o catecismo analisado não possui o ano de publicação, é possível inferir por meio dos indícios e o cruzamento entre as fontes, que o impresso foi produzido entre os anos de 1867, origem da primeira Igreja Metodista na cidade, e 1905, ano de extinção da Rua da Ajuda (Refício, 2020).

Os impressos publicados no Brasil trazem nas suas capas as tipografias e editoras responsáveis por todo processo de produção e editoração das obras. Pode-se afirmar que esses prelos surgiram da necessidade de possuir oficinas tipográficas a serviço exclusivo das suas respectivas congregações, outros fatores como o financeiro e a rapidez para produzir foram relevantes para a concretização desse marco para a imprensa protestante no país. Neste sentido, é possível inferir que para além dos feitos sociais e educacionais realizados pelos primeiros missionários protestantes em solo brasileiro, eles contribuíram consideravelmente para o crescimento do mercado tipográfico e, consequentemente, para o desenvolvimento da imprensa brasileira.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destarte, com o aprofundamento das pesquisas relacionadas aos impressos protestantes no Brasil, observa-se o quanto os cristãos norte-americanos colaboraram com a História da Educação brasileira. Não apenas pelas instituições educacionais criadas, ou pelos impressos difundidos que auxiliaram na busca pelo conhecimento dos brasileiros, ou pela criação de alguns veículos de comunicação, a exemplo dos presbiterianos que “tiveram seu primeiro jornal publicado no Brasil em 1864, denominado a ‘Imprensa Evangélica’”, mas pelas oficinas tipográficas criadas durante a segunda metade dos oitocentos que foram responsáveis pela produção dos mais variados tipos de impressos protestantes nas esferas educacional e religiosa (Almeida, 2013, p. 68).

As pesquisas sobre a história do protestantismo no Brasil tratam os missionários protestantes norte-americanos como principais agentes do projeto de implantação da nova religião. Logo, foram utilizados vários tipos de impressos protestantes que difundiam as principais ideias do cristianismo reformado no país. Dentro desse projeto capitaneado por missionários protestantes, existia a realização de obras sociais que impactaram positivamente na vida da população brasileira do século XIX e aproximaram os norte-americanos do povo brasileiro. Foram construídos hospitais, albergues, igrejas e escolas para colaborar com o desenvolvimento social e cognitivo de parte da população brasileira que teve acesso a esses serviços.

Existem algumas pesquisas que têm se debruçado a investigar a contribuição dos cristãos protestantes na educação brasileira por intermédio dos impressos que aqui foram disseminados. Por meio desses impressos protestantes, pesquisadores observaram que os missionários norte-americanos também cooperaram para o desenvolvimento da imprensa no país. Porém, ainda faltam investigações a respeito do impacto das principais oficinas tipográficas e editoriais responsáveis pela produção dos impressos protestantes que foram distribuídos e vendidos no Brasil, alguns desses prelos são de nacionalidade estrangeira, como ficou comprovado aqui nesta investigação. Neste sentido, o presente trabalho buscou contribuir de maneira significativa para o debate acerca das tipografias e editoras que também foram importantes para a disseminação das ideias protestantes no território brasileiro.

Nesta perspectiva, muitas questões sobre a atuação dos cristãos protestantes no Brasil têm sido respondidas por intermédio de diversos estudos. Porém, existem algumas lacunas que precisam ser preenchidas para uma melhor compreensão histórica dos fatos, visto que, no trabalho de análise das tipografias dos catecismos protestantes, observou-se a necessidade de pesquisas mais aprofundadas acerca dos principais prelos produtores de impressos protestantes difundidos no Brasil.

Mediante os vestígios deixados nas obras, é possível observar o quanto os missionários estadunidenses foram relevantes para o crescimento da imprensa protestante e, conseqüentemente, brasileira. Para tanto, é conveniente reconhecer que, nos últimos 20 anos, as pesquisas a respeito da temática imprensa e impressos protestantes têm se intensificado no campo da História da Educação, mas, ainda há muito a se investigar sobre as tipografias protestantes no país.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Marcia. No papel de leitor: a censura a romances nos séculos XVIII e XIX. Simpósio Nacional de História – ANPUH, 24, 2017. **Anais [...]**, Porto Alegre: Rio Grande do Sul, 2017.

ALMEIDA, Mirianne Santos de. **Livros e leitores: saberes e práticas educacionais e religiosas na Coleção Folhetos Evangélicos (1860-1938)**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Tiradentes, Aracaju, 2013.

BEDA, Ephraim de Figueiredo. **Editoração evangélica no Brasil: troncos, expoentes e modelos**. 1993. Tese (Doutorado). USP/ECA, São Paulo, 1993.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BRASIL. **Constituição política do império do Brasil de 1824**. Brasília: Senado Federal. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao24.htm#:~:text=Perpetuo%20do%20Brasil.-,Art.,f%C3%B3rma%20alguma%20exterior%20do%20Templo](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm#:~:text=Perpetuo%20do%20Brasil.-,Art.,f%C3%B3rma%20alguma%20exterior%20do%20Templo). Acesso em: 24 set. 2021.

BERTINATTI, Nicole. **A escola dominical presbiteriana como divulgadora de saberes e práticas pedagógicas religiosas (1909-1928)**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Tiradentes, Aracaju, 2011.

BURKE, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução: Mary Del Priore. 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

CLAIR, Kate; BUSIC-SNYDER, Cynthia. **Manual de tipografia**: a história, a técnica e a arte. Tradução: Joaquim da Fonseca. 2. ed. São Paulo: Artmed Editora S.A., 2009.

CRUZ, Karla Janaina Costa. **Cultura impressa e prática leitora protestante no oitocentos**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Formação do Estado e civilização. 2. ed. V. I. Tradução: Ruy Jungman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**. Tradução: Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LIMA, Maria Camila. **A última estação do trem**: percurso da história da educação protestante em Lavras. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2015.

LOPES, Eliane M. T. GALVÃO, Ana Maria de O. **Território plural**: a pesquisa em história da educação. São Paulo: Ática, 2010.

MEIRELLES, Juliana Gesuelli. **A “Gazeta do Rio de Janeiro” e o impacto na circulação de idéias no Império luso-brasileiro (1808-1821)**. 2006. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2006.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. Catecismos protestantes no Brasil Católico. Congresso Brasileiro de História da Educação, 4, 2006. **Anais [...]**, Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2006. p. 1-10.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. Nota prévia sobre a palavra impressa no Brasil do século XIX: a biblioteca do povo e das escolas. **Revista Horizontes**, Bragança Paulista, Universidade São Francisco, v. 19, p. 11-27, jan./dez. 2001.

ORLANDO, Evelyn de Almeida. **Por uma civilização cristã**: a coleção Monsenhor Álvaro Negromente e a pedagogia do catecismo (1937-1965). Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2008.

PRESBYTERIAN HISTORICAL SOCIETY. **Prebyterian History**. Disponível em: <https://www.history.pcusa.org/history-online/presbyterian-history>. Acesso em: 8 out. 2021.

PRESBYTERIAN COMMITTEE OF PUBLICATION. **Dumbarton oaks**, 2020. Disponível em: <https://www.doaks.org/research/library-archives/dumbarton-oaks-archives/collections/ephemera/names/presbyterian-committee-of-publication>. Acesso em: 12 out. 2021.

RABAÇA, Carlos A.; BARBOSA, G. **Dicionário de comunicação**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.

REILY, Ducan Alexander. **História documental do protestantismo no Brasil**. 2. ed. São Paulo: ASTE, 1984.

RUA DA AJUDA, **Refício**, 2020. Disponível em: <https://reficio.cloud/rio/logradouro/rev-arq-df-rua-da-ajuda/>. Acesso em: 24 dez. 2020.

---

**Recebido em:** 30 de Novembro de 2022

**Avaliado em:** 8 de Abril de 2023

**Aceito em:** 27 de Outubro de 2023

---

---

1 Mestre em Educação pela Universidade Tiradentes – UNIT (2021); Pós-Graduado em Atendimento Educacional Especializado, Faculdades Conectadas (2022); Doutorando em Educação, Universidade Tiradentes – PPEd/UNIT; Graduado em Educação Física, Universidade Tiradentes – UNIT (2019); Membro do Grupo de Pesquisa História das Práticas Educacionais/GPHPE/PPED/UNIT/CNPq. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7389-7355>. E-mail: [josu.edf@outlook.com](mailto:josu.edf@outlook.com)

2 Mestra em Educação, Universidade Tiradentes – UNIT (2023); Pós-Graduada em Docência para a Educação Profissional e Tecnológica, Instituto Federal do Espírito Santo (2023) e em Atendimento Educacional Especializado, Faculdades Conectadas (2022); Graduada em Educação Física, Universidade Tiradentes – UNIT (2021); Membro do Grupo de Pesquisa História das Práticas Educacionais/GPHPE/PPED/UNIT/CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6461-8884>. E-mail: [mirelly-macedo@hotmail.com](mailto:mirelly-macedo@hotmail.com)

3 Doutora em Educação pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade, PUC/São Paulo (2005); Mestra em Educação pelo NPGED, Universidade Federal de Sergipe – UFS (2000); Bolsista de Produtividade em Educação pelo CNPq, desde 2012; Membro da Academia Sergipana de Letras, da Academia Sergipana de Educação, da Academia Brasileira Rotária de Letras/SE, da Academia Brasileira Teológica de Letras/SE, da Sociedade Bíblica do Brasil, da Sociedade Brasileira de História da Educação; Lidera o Grupo de Pesquisa História das Práticas Educacionais/PPED/UNIT/CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4050-767X>. E-mail: [esterfraga@gmail.com](mailto:esterfraga@gmail.com)



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>



Este artigo é licenciado na modalidade acesso abertosob a Atribuição-Compartilha Igual CC BY-SA

